



SE É PRA PASSAR, ENTÃO DÁ: QUANDO NA AVALIAÇÃO SE CONFRONTAM AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Leandro Nogueira Dias ¹
Daniella de Souza Bezerra ²

INTRODUÇÃO

O ponto de partida de um dos assuntos mais discutidos na atualidade educacional, avaliação da aprendizagem escolar, seu conceito, suas concepções teóricas e suas implicações nas relações pedagógicas. O ato de avaliar carrega consigo uma série de questões históricas inerentes ao processo de ensino/aprendizagem, concepções filosóficas de educação, juízos de valor, e uma interpretação errônea de seu significado pode trazer graves consequências, para todo o processo pedagógico.

Nessa perspectiva a avaliação da aprendizagem é uma das atividades mais importantes inerentes à prática pedagógica, e determinante, no sentido de nortear os trabalhos pedagógicos, pois, traz aos docentes uma visão real da situação de aprendizagem dos(as) educando(as) e ainda lhes permitem perceber se sua atuação tem ou não contribuído para o alcance dos objetivos do ensino. Assim sendo, todo processo de ensino-aprendizagem precisa ser avaliado. A avaliação é realizada entre os atores sociais docentes e educandos(as) que fazem parte deste processo. É nessa relação que nos deparamos com as relações/questões de gênero.

O debate sobre o conceito de gênero e as relações que dele se desencadeiam, tem ganhado cada vez mais espaço tanto no meio acadêmico quanto social, percebe-se que os sujeitos que estão nas categorias de subalterno e/ou invisíveis vem galgando rumo a compressão da sua condição social e dos meios possíveis para enfrentar e superar essa condição, estamos nos referindo as mulheres, as transexuais, as travestis e os gays afeminados e os que não se identificam com nenhuma das identidades aqui mencionadas.

No entanto, ainda predomina-se entranhados em nossa sociedade o patriarcado, a cultura dominante da figura do macho, o binarismo de gênero e a concepção de que os comportamentos inerentes ao gênero são de determinações biológicas. Desses preceitos se desenrolaram nas relações de gênero, a relações de poder e a divisão sexual do trabalho,

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica no -GO, leandro.dias@ifma.edu.br;

² Professor orientador: Doutora em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - GO, daniella.bezerra@ifg.edu.br.

tornando-as complexas, desiguais e gerando a violência de gênero em um determinado contexto social.

Essa cultura dominante também se reflete na escola, nas relações, posturas e práticas pedagógicas, quando encontramos grupos de docentes machistas e heterossexistas, esse grupo hegemônico nas relações de poder que conseguem oprimir as pessoas que não se enquadram nessas categorias, de diversas maneiras psicologicamente, fisicamente e economicamente, já que ocorre um verdadeiro processo de subalternização, negação e exclusão desses sujeitos da escolarização (NOGUEIRA, 2018, p. 43).

Nesse contexto, encontramos a violência de gênero de diversas formas, que de maneira implícita ou explícita repercutem no processo educativo, seja na relação entre os(as) educando(as), seja na relação educandos(as) e docentes. Este estudo traz a seguinte problemática: Que implicações existem no fazer pedagógico especificamente na avaliação do ensino-aprendizagem fruto do movimento das relações de dominação, exploração e opressão de gênero no espaço educativo?

Com base nestes apontamentos, este estudo motivou-se da necessidade de compreender como se configuram as relações/questões de gênero do ensino médio integrado do Instituto, Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, acerca da avaliação do ensino-aprendizagem. A partir dos estudos teóricos em Saffioti (1994, 2001, 2004); Nogueira (2018); Lins, Machado e Escoura (2016), contribuiu para realização dessa investigação como um recorte da minha pesquisa de mestrado sobre a interlocução entre a educação de gênero e sexualidade com a educação profissional e tecnológica.

Esta temática é de grande relevância científica e pedagógica para ampliarmos a importância de se abordar sobre as questões e as relações de gênero e diversidade sexual no contexto educativo e na formação continuada de professores pois, precisa-se de um embasamento teórico que seja amplamente discutido no chão da escola que contribua para melhor conduzir as relações pedagógicas e o processo avaliativo.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa participante de natureza exploratória, realizada por meio de grupos focais, foi utilizado entrevistas não estruturadas, em que abordamos dois tópicos temáticos sobre a questão: A relação pedagógica e a avaliação.

Para essa análise foram realizados 03 grupos focais com os(as) estudantes do ensino médio integrado do Campus Buriticupu do IFMA, contamos com o apoio de 02 pedagogas da

coordenação de apoio pedagógico que atuaram na condição de mediadoras, o primeiro encontro foi realizado com 15 educandas, o segundo com 15 educandos e o terceiro com os (as) 30 estudantes juntos em que discutimos e foram levantadas as questões de interesse do coletivo à avaliação foi a mais apontada.

A interpretação e a discussão dos achos nessa investigação, foi a luz de uma abordagem dialética, para entendermos as práticas avaliativas existentes nessa realidade educacional e dentro desse processo como se constroem as relações de gênero.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse estudo, temos como foco a avaliação escolar do ensino-aprendizagem e as relações de gênero que se interlaçam nesse percurso pedagógico e trazem problemas que são frutos de um processo avaliativo desconexo e sem contextualização, é quase sempre vista de maneira superficial como tão somente elaborar uma prova, dar nota quantitativa, aprovar ou reprovar o(a) educando(a), portanto, um olhar limitado e distante da noção de aprendizagem que tanto se almeja nas escolas (SANT'ANNA, 2014, p. 30-31).

O significado da avaliação deve ser o relacionamento entre dois indivíduos cognoscente que avaliam e sentem o mundo por meio de suas individualidades, logo, de maneira subjetiva, nesse sentido acompanhamento e a avaliação têm por objetivos apontar as dificuldades encontradas, orientar o(a) educador(a) a mitigá-las e, por conseguinte, elencar novos desafios enquanto que, ao mesmo tempo, também está servindo como norte da atuação de um(a) educador(a) que seja comprometida ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos (HOFFMANN, 2003, p. 20).

Importante salientar que é necessário que todo processo de ensino-aprendizagem receba uma avaliação, e esta deve ser realizada entre os atores sociais que compõem o cenário em questão, neste caso, docentes e educandos(as) que atuam no processo denominado de relações pedagógicas que trata-se desse envolvimento educador-educando-educador no movimento do ensinar e aprender em torno do conhecimento, envolvendo intencionalidades de ação, objetivadas em condutas, atitudes e habilidades dos indivíduos envolvidos no processo (CORDEIRO, 2007, p. 68).

No entanto, percebe-se ainda nas práticas que mesmo com os avanços nos estudos teóricos e na construção da concepção de avaliação em contraponto ao ato de examinar no contexto educativo, ainda encontramos persistentemente nas realidades escolares, assim como a interpretação equivocada do próprio ato de avaliar, que ainda encontra-se sobrepujado de

relação de autoridade e da função de apenas classificar o(a) educando(a) (LUCKESI, 2011, p.83).

Nessa perspectiva, que se desenrola na relação pedagógica aspectos que surgem por vários fatores histórico-culturais e sociais permeiam nesse contexto educacional, pois a escola não se encontra dispersa do contexto social em que está inserida, assim, constata-se nesses emaranhados de fatores as relações gênero que segundo Lins, Machado e Escoura (2016),

Quando pensamos em relações de gênero, nos referimos às maneiras como os sujeitos constroem a si mesmos a partir de estereótipos, normas de comportamento e expectativas sobre o que é “ser homem” ou “ser mulher”. Embora a reprodução dessas identidades, estereótipo, normas ou expectativas naturalize o que como diferenças entre feminilidade e masculinidade, ou entre mulheres e homens, a discussão feita anteriormente nos provoca a pensar o quanto as diferenças de gênero são produtos da história e da educação em nossa sociedade. (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016, p. 23-24).

Não se trata apenas da questão de diferença entre o masculino e o feminino, nessas relações que são frutos de uma construção histórica surgem as desigualdades intrelaçadas com noção de hierarquia e relações de poder, que são feitas no decorrer da história, especialmente a partir do desenvolvimento das novas relações de produção (SAFFIOTI, 2004, p. 133).

Como resultado dessa relação de poder e hierarquização dos papéis sociais de acordo com as identidades de gênero e sexualidades, a partir da ideia de dominação/exploração (SAFFIOTI, 2001, p. 117), encontra-se entranhado nesses contextos sociais o patriarcado o heterossexismo que ditam e heteronormalizam as condutas sociais, historicamente a mulher já encontra-se na categoria de dominação, com o desenrolar das novas configurações e da diversificação das idadentidades de gênero e sexualidades, por exemplo, os homens que não se enquadram nessas condutas estabelecidas para o papel do macho ou que rompem com elas assumindo a feminilidade, acabam sendo colocados também na categoria de dominados.

“compreende-se o patriarcado como um conjunto de relações sociais complexas em que a dominação das mulheres se expressa por meio de uma hierarquia que torna subalternas as representações construídas socialmente como femininas” (NOGUEIRA, 2018, p. 35).

Portanto, a partir dessas normas impostas por grupos hegemônicos tornam-se uma endrenagem responsável pela opressão de diversos sujeitos as mulheres, as mulheres trans, as travestis, os gays afeminados e os que não se identificam com nenhuma dessas identidades, tendo como reflexo a violência de gênero de várias formas no contexto social e também escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Sobre os primeiros achado desse estudo, foi percebido na maioria das falas no primeiro grupo focal com as educandas que são recorrentes as posturas de assédio tanto sexual quanto moral cometido pelos meninos e também por docentes do sexo masculino, elas relataram que se sentem oprimidas de todas as formas dentro da relação pedagógica, essas posturas e atitudes configura-se numa violência de gênero, tem-se tornado frequentes no ambiente escolar (LINS;MACHADO;ESCORIA, 2016, p. 62).

A violência de gênero tem sido uma categoria que trata-se especificamente dos diversos tipos de violência que resulta dessa desigualdade entre homem e mulher, destaca-se ainda que a “violencia de gênero engloba também a população LGBT. Uma vez que sua orientação sexual e identidade de gênero põe em xeque os esteriótipos de gênero tradicionais e a heteronormatividade” (LINS;MACHADO;ESCORIA, 2016, p. 54-56).

Outro ponto, que foi bastante levantado com no terceiro grupo focal com os educandos e as educandas juntos foi a questão da avaliação, segundo as falas do grupo muitos docentes homens, utilizam-se desse processo pedagógico como um instrumento de opressão de diversas formas, 05 educandos LGBTQ já apontaram que sofreram ou ainda sofrem algum tipo de “punição” na avaliação pelo seu comportamento, segundo eles principalmente os meninos gays afeminados. As meninas também expuseram que é frequente alguns docentes usar frases com duplo sentido para assediá-las sexualmente em troca de uma possível aprovação, uma dessas frases mais frequentes é “*Se é pra passar, então dá*”, esse dá tem conotação com a realação sexual ou similar. Para Saffioti (1994),

A violência deseja a sujeição consentida ou a supressão mediatizada pela vontade do outro que consente em ser suprimido em sua diferença. Assim, a violência perfeita é aquela que obtém a interiorização da vontade e da ação alheias pela vontade e pela ação da parte dominada, de modo a fazer com que a perda da autonomia não seja percebida nem reconhecida, mas submersa numa heteronímia que não se percebe como tal. (SAFFIOTI, 1994, p. 446)

Nesse sentido, é relevante apontar que essas frases de duplo sentido são intencionais já que são direcionadas as educandas, pois, por outro lado os 10 educandos que não são LGBTQ, apontaram que não percebem essas condutas quando são eles que estão em uma situação não muito “boa” no processo avaliativo, muito menos na relação com os docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, essas posturas vai de encontro do que é esperada para o papel docente na relação pedagógica principalmente no diz respeito ao processo avaliativo, por se tratar de



sujeitos em processo de desenvolvimento e aprendizagem, o(a) educador(a) deve apresentar certo cuidado com a prática avaliativa, já que esta tem um papel tão importante no cenário escolar.

Diante desse recorte de estudo, levantou-se as seguintes inquietações: como tem sido tratado as diversas formas de violência de gênero na escola? Quais os caminhos para o enfretamento dessas posturas docentes com relação as identidades de gênero e sexualidades? As respostas à essas indagações é o que pretendemos buscar nos estudos de que dialogam gêneros, sexualidades e educação.

Palavras-chave: Relações de gênero. Relação pedagógica. Avaliação do ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, J. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

HOFFMAN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação 2003.

LINNS, B. A.; MACHADO, B. F; ESCOURA, M.. **Diferentes não desiguais: Questão de Gênero na escola**. São Paulo: revira volta, 2016.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELCHIOR, M. C. **Da avaliação dos saberes à construção de competências**. Porto Alegre: Premier, 2003.

NOGUEIRA, L. (org.). **Hasteemos a bandeira colorida: Diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo: Expressão popular, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. In: **cadernos pagu**. Campinas, nº. 16, p. 115-131, 2001. Disponível em< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007> Acessado em 17/09/2019.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. **Violência de gênero no Brasil atual**. In: **Revista Estudos feministas**. Nº especial/2º sem./94 - Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec, Florianópolis, 1994. Disponível em< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177/14728>> Acessado em 17/09/2019.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 17ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.